

AVENÇA

A REGENERAÇÃO

Este jornal foi visado pela
Comissão de Censura

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro
Composição, impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

Finanças Municipais

Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos

HA' Câmaras Municipais que dão a saber os assuntos, que se tratam nas suas sessões, quer pela imprensa quer por meio de afixação de suas actas nos locais a isso destinados, havendo até algumas que solicitam dos grandes diários a publicação das suas deliberações, chegando outras a ter boletins próprios, onde são publicadas e levadas ao conhecimento de todas essas deliberações.

Não sabemos nem no presente momento queremos saber se tem vantagens ou desvantagens o conhecimento que os municipes possam ter da vida da entidade legal, que dizem ser o reduto de suas liberdades, onde se podem acolher as aspirações de centenas de povoações, vilas e cidades.

E se tal conhecimento nos não preocupa para o fim em vista, parece-nos, no entanto, que interessando àqueles que pagam na vida municipal, dêsse interesse só haveria a esperar benefícios, pois haveria o mútuo auxílio, a mútua cooperação na vida municipal, a mútua confiança.

Sem conhecer as múltiplas despesas, os encargos, os benefícios recebidos, tudo se conseguindo com o pagamento de taxas, licenças, impostos, multas, etc., os que pagam não sabendo para onde vai o seu dinheiro barafustam, praguejam e pagam de má vontade e é com as maiores imprecações contra as Câmaras, que recebem algum novo ónus, embora este se destine aos maiores melhoramentos.

Todos nós sabemos isto e sabendo-o o Governo vem este de três em três meses apresentar o seu balanço, dizer o que se pagou e o que se dispendeu.

Pela crítica que se faz à forma como são dispendidos os rendimentos resultam por vezes benefícios, tais são o de se evitar no futuro o reincidir em gastar mais do que era justo ou se não tem, caíndo-se no regime da dívida, da insolvência, da paralização do progresso duma região, dum concelho.

O contribuinte paga sempre, quer queira quer não queira. Mas quando vê, sente, goza o benefício que lhe advem da verba que lhe coube na divisão do tributo, o contribuinte paga de vontade.

E' inegável que antes de 1926, melhor, porque é a verdade, antes do sr. dr. Oliveira Salazar tomar posse da Pasta das Finanças se pagava menos do que actualmente. Pois antes de 1926 o contribuinte clamava, protestava, deixava-se relaxar e pagava sempre de má vontade. Porquê? Porque o contribuinte não sabia onde se consumia o que pagava e que tanto lhe custava a conseguir, e mais ainda nem perante os seus olhos se justificava o consumo dos seus dinheiros.

Salazar toma conta da Pasta das Finanças; expõe aos contribuintes o estado em que se vive, sem recursos, nem crédito; se nos emprestem é para os que emprestam administrar! diz que é necessário sacrifícios; estes aceitam-se, porque o que então se cobrava mal chegava para as clientelas políticas e o que se ia pagar a mais era para os que pagavam ter em melhoramentos. Começaram a aparecer estradas alcatroadas, reparadas e construídas; escolas novas com os seus professores, a instrução espalha-se, o Exército é abastecido de armas, a Marinha de Guerra é dotada com novos barcos, constroem-se portos, irrigam-se terras de sequeiro, fazem-se secar pântanos, drenam-se terras, levantam-se edifícios para os correios, semeiam-se serras e areias. Portugal progride! E o contribuinte paga, com sacrifício, mas paga alegre por ver que o que paga lhe é retribuído em benefícios directos, que colhe.

Tudo isto que aqui escrevemos acode nos aos bicos da pena por se nos deparar entre os jornais que guardamos o número do nosso prezado colega «A Regeneração» onde vemos publicadas as contas da Câmara de Figueiró dos Vinhos respeitantes a 1939.

Alguns anos atrás aquele concelho não tinha uma estrada municipal; as freguesias, para ir à sede do concelho, só o podiam fazer através de carreiros ou veredas intransitáveis, sem pontes nas ribeiras, sem água às povoações, sem edifícios escolares para as crianças. Tudo mudou. Há escolas novas, pontes sobre as ribeiras, estradas para todas as freguesias, água canalizada e luz eléctrica na sede do concelho, Parque e Jardim na mesma, constroem-se ainda

Obrigações para com o Estado

Até ao fim do corrente ano deve ser pago o selo anual de 10\$00, a que estão sujeitos os proprietários de estabelecimentos industriais, detentores do Boletim de Registo de Trabalho Nacional.

Os estabelecimentos comerciais deixaram de estar sujeitos a esta obrigação.

Os vinhos de marca registada não podem ser vendidos ao público, nos hotéis, restaurantes, casas de pasto e estabelecimentos similares, por preço superior ao dobro do preço do custo, sob pena de multa de 100\$00 por garrafa.

O produtor é obrigado a inscrever no rótulo da garrafa o preço do custo.

Todos os hotéis, restaurantes, casas de pasto e outros estabelecimentos similares são obrigados a fornecer, incluindo em cada refeição de preço fixo, o mínimo de 3 decilitros de vinho de consumo que obedeça às características legais, salvo se o cliente preferir vinho de marca.

Acrescida de juros de mora pode pagar-se durante o corrente mês e no de Dezembro próximo, a terceira e quarta prestação das contribuições cujo pagamento esteja dividido em quatro prestações.

agora ali um mercado, e se formos inquirir, em tudo achamos a Câmara.

E' reduzido o seu orçamento. Há alguns anos não atingia 200 contos; no ano transacto subiu a 832 contos—numeros redondos.

O povo por isso sacrificou-se mas recebeu os benefícios provenientes do seu sacrifício.

Não contente em lhe dar os benefícios e melhoramentos a Câmara dá-lhes conta do que recebeu e do que gastou e em que o gastou.

Com um orçamento de 832 contos, que a Câmara viu não poder arrecadar pela crise que se atravessa, passou a harmonizar a despesa com a receita, não gastando o que não tinha.

Diminuíram as receitas em 142 contos ao que fôra calculado, mas as despesas foram também reduzidas ao mínimo, sem sacrificar os serviços.

No capítulo 3.º do seu orçamento destinara a Câmara para: *Secretaria, despesa com o mate-*

Portugal em Roma

REPRODUZIRAM oportunamente os jornais os discursos proferidos no acto solene da entrega das credenciais do nosso representante junto da Santa Sé.

Com a elevação à categoria de embaixada da nossa representação diplomática na Roma Pontifícia teve a sua consagração a política de apaziguamento das lutas religiosas e de inteira reconciliação de Portugal com as suas mais imperativas tradições.

Precisamente o acentuaram, naquela solenidade, quer as palavras pronunciadas pelo nosso Embaixador, quer a resposta de Sua Santidade o Papa Pio XII.

Acima de tudo, têm para nós o mais vivo interesse as afirmações constantes do discurso em que o Sumo Pontífice, com uma tão superior eloquência, se referiu às relações de Portugal com a Santa Sé.

Aludiu Sua Santidade à Concordata e ao Acordo Missionário para pôr em justo relevo o acto tão importante de que resultou a aproximação e bom entendimento dos poderes temporal e espiritual, reconhecendo, com palavras de singular apreço, a nossa vocação evangelizadora e os serviços por nós prestados, no decurso dos séculos, à causa da Civilização.

Não podia deixar de ser extremamente lisonjeiro para o nosso orgulho o expresso reconhecimento do sentido e do mérito da obra que realizámos e em que se exprime o génio da nossa raça. Como não podiam deixar de nos ser sensíveis as palavras de especial distinção que Sua Santidade quiz dedicar ao esforço actual do nosso Governo e à sua obra de ressurgimento e reintegração.

A verdade é que em toda a parte — Roma é o melhor de todos os observatórios — Portugal recuperou o seu prestígio, graças à continuidade firme da nossa política de grande categoria que nos restituiu a plenitude da consideração a que nos dão direito oito séculos de uma História admirável, como nenhuma outra assinalada pelo seu valor simultaneamente nacional e universal.

rial, pagamentos de serviços e diversos encargos, outros serviços e encargos—127.311\$53. Pois só neste capítulo a despesa desceu para menos 33.740\$78! Com esta redução e outras a Câmara fez diminuir as despesas em 299.764\$29, quando as receitas diminuíram 142.629\$19.

Com o saldo que ficou, não obstante a quebra das receitas, devido à parca e criteriosa administração, vai a Câmara por certo fazer face a participações pedidas ao Estado, à construção duns novos Paços do Concelho, e a outras obras, pois o progresso naquele concelho não sabe deter-se nem morrer.

Assim se trabalha, assim há mútua confiança entre os edis e os contribuintes.

Fazemos nossas as palavras com que «A Regeneração» faz a publicação dessas contas:

«Melhor que as palavras falam os números.»

Feita a análise da receita e despesa do ano transacto, o leitor verifica com facilidade que a nossa Câmara animada do mesmo principio que desde 1926 a tem orientado, apresenta o resumo da sua gerencia, verificando-se que apesar dos tempos perturbados que estamos atravessando, movimentou 532.258\$37.

Mais: gastou em obras 299.294\$68 o que representa algo de importante para um concelho de terceira classe, como é o nosso.

São portanto, os números que falam, por eles se vê claramente, que a Câmara do nosso Concelho, fiel aos principios do Estado Novo, fiel à política de Salazar, prossegue na sua árdua tarefa de bem fazer obra importante, obra útil para o seu concelho.

E' e continuará a ser a divisa da Câmara de Figueiró dos Vinhos, da ilustre presidencia do sr. dr. Simões Barreiros.»

(De O Mensageiro)

Conheçamos a Vossa e a Nossa Terra...

Regionalismo

(De Ourique a Guimarães, às crianças do concelho e do Império)

Condeixa-a-Nova, E' povoação realmente nova, com uma só freguesia: Santa Cristina. Reclinada sobre a encosta suave dum monte, está situada dum e doutro lado da estrada Coimbra-Leiria, a 13 quilómetros da primeira. Tem concelho e julgado municipal.

«Parece que apenas constava dum casal chamado o Outeiro, no meio de terrenos pertencentes a diversos moradores e proprietários, quando D. Manuel I por ali passou e lhe deu fóro de vila, mudando-lhe o nome para Condeixa-a-Nova». Mandou-lhe construir um novo e espaçoso templo, com 10 altares, dedicado a Santa Cristina.

Em Lisboa e a 3 de Junho de 1514, deu-lhe outro foral.

Pela vila passa uma ribeira que, com outras, alimenta o rio de Moiros.

As tropas de Massena saquearam e incendiaram a vila, 1811. Ardearam mais de 40 edificios, incluindo a Igreja Matriz.

A nascente vila decaiu; mas levantou-se: Em 1834, criaram-lhe o concelho e em 1838, foi novamente elevada à categoria de vila.

Tem um bom Mercado, devidamente fechado; feira mensal, de gados, a 4 de cada mês.

O concelho tem 9 freguesias rurais, com o da vila—10.

Condeixa-a-Velha, é sem dúvida, a sucedânea natural, próxima, directa e legal de Conimbriga ou Conimbriga, a cidade morta, e uma das freguesias rurais de Condeixa-a-Nova, a 1 quilómetro e pico.

Ignora-se a data da crisma. Encosta-se aos muros derruidos da progenitora, externamente, respeitando-lhe a ossada veneranda e grandiosa.

Vive dos seus campos, um pouco à sombra do passado e dos múltiplos visitantes às ruínas da cidade desaparecida dentro das altas e espessas muralhas.

Condeixa-a-Nova está cá fora; Lá dentro um silêncio profundo, sepulcral, insondável... Os antiquários estudam-na...

«Seria fundada, 1788 anos antes de Cristo, por Hércules Libio? 404 anos antes de Cristo pelos cartagineses? Ou, 308 anos antes de Cristo, por Brigo?...

Sabe-se que se chamam Conimbriga, que foi cidade muito importante no tempo dos romanos, que é muito antiga... que foi destruída.

Oh! As guerras! as guerras!...

Coimbra, foi esta terra de encantos a herdeira afortunada de Conimbriga. Os romanos Conimbriga lhe chamaram. Outros lhe chamaram Colis-imbrim, Colimbrina.

Talvez os Colimbrinos, povo galo-celta, fossem os seus fundadores, uns 300 anos antes de Cristo.

Após os romanos, os suevos, os godos, os árabes a dominaram. A maioria dos seus habitantes foi todavia sempre dos lusitanos, dos portugueses.

D. Fernando Magno, rei de Leão e Castela a conquistou aos moiros em 1.064.

O filho, D. Garcia, que aqui residiu, a governou...

Fez parte do Condado Portucalense, governado pelo conde D. Henrique e sua mulher, D. Teresa. Por herança e outra circunstancia,

Festival da C. C. F. V.

A comissão do festival a realizar pela Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, a favor da construção da Casa da Criança de Castanheira de Pera, resolveu transferir para 30 do corrente os festejos anunciados para data prévia.

A Comissão, que se não tem poupado a esforços, levou mais longe os seus propósitos. E assim, apesar das amplas instalações que a Casa ocupa no Largo do Intendente n.º 45, 1.º, verificou-se que elas eram assaz pequenas para acolherem nesse dia todos os regionalistas, e ainda se encontravam fóra da medida necessária para o lustre do acto; pelo que se diligenciou, que o referido festival se realizasse num dos melhores salões, amavelmente cedido, nos edificios do jornal «O Século».

Do que nos foi dado conhecer sobre o programa festivo, poderemos desde já dizer que este será iniciado com uma sessão solene à qual presidirá o ex.º sr. Doutor Bissau Barrêto, illustre Mestre na Universidade de Coimbra, e filho da região.

Desenvolver-se-á um primoroso acto de variedades, organizado pelo ex.º sr. dr. Oliveira Martins, do qual farão parte, entre outros de reconhecido nome e apreço artisticos, Francis e Ruth com o seu grupo de baile, e Maria Paula e João Villaret em números da sua especialidade; não faltando o brilhantismo de cooperação da conhecidíssima e aplaudida orquestra Aldrabofona de agrado incedível. E, seguidamente, com o concurso de apreciados grupos musicais típicos, coroará esta festa um grandioso baile.

Este festival, organizado pela C. C. F. V. ficará gravado na memória de todos os regionalistas que a êle possam assistir, não só, evidentemente, pelo seu cunho intencional, como ainda pela certeza de possuírem nesta capital a sua Casa, que lhe lembrará sempre um convívio amigável da sua aldeia, ou um dia de arraial na sua região.

Lisboa, Novembro de 1940.

B.

As vítimas do Atentado da S. de Geografia

Continuam experimentando melhoras as vítimas do atentado da Sociedade de Geografia.

Exposição do Mundo Português

Encerra definitivamente no próximo dia 2 de Dezembro, a Exposição do Mundo Português.

passou ao filho, D. Afonso Henriques, que aqui, alguns anos, teve a sua corte, a sua residência habitual.

O fundador da monarquia portuguesa, Afonso Henriques, nascido em Guimarães, a 25-7-1109, em Coimbra faleceu a 6-12-1185. jaz na Igreja de Santa Cruz.

Coimbra assenta sobre cinco montes, mirando-se nas águas do Mondego, é uma das cidades mais lindas de Portugal. De terrenos férteis, verdejantes e pitorescos, tem o seu futuro ligado à sua antiga Universidade, a 1.º do país.

(Continúa)

Junho, 1940

Domingues

Correspondências

Castanheira de Pera, 18

No dia 14, ocorreu nesta vila o falecimento do antigo industrial e proprietário sr. Manuel Fernandes de Carvalho, de 82 anos de idade, filho de José Fernandes e de D. Maria da Piedade. O extinto, que em tempo teve acção preponderante na política local, era pai dos nossos estimados amigos srs. dr. José Fernandes de Carvalho, antigo director do «Castanhirense», distinto subdelegado de Saúde neste concelho e presidente da Comissão Consultiva da União Nacional, dr. Manuel Fernandes de Carvalho, antigo presidente da Junta Geral de Portalegre e actualmente ali residente e professor do Liceu, dr. Anírio Fernandes de Carvalho, professor liceal no Porto, e Roberto Fernandes de Carvalho, delegado especial do Governo e presidente substituto da Câmara Municipal deste concelho; e das sr.as D. Clotilde Fernandes de Carvalho Baeta, Leonor Fernandes Carvalho, Sara Fernandes de Carvalho e Maria de Lourdes Fernandes de Carvalho. Era ainda o extinto, sogro das sr.as D. Rosa Fernandes de Carvalho, D. Raquel da Gama Henriques Fernandes de Carvalho e Manuel Maria Baeta.

O funeral teve lugar no dia 15 e representou uma sentida manifestação de saudade, tendo-se nêlo incorporado centenas de pessoas.

AGUA VAI

Agua vai será sempre limpa e por isso ainda que saltem algumas pingas sobre os que passam podem ir socegados que não ficam sujos, salvo se fôr algum dêles que a suje.

Em Figueiró até as águas são limpas e o povoado em regra também é limpo. E' uma vila aseada e tratada como tal. Bôas comunicações temos um caso que não está certo. Foi alcatroada a estrada que nos leva a Pombal como se fosse aquela de que mais carecemos. Hoje as principais comunicações de Figueiró são feitas directamente com Lisboa, Coimbra, Castanheira e Pedrógão com as quais é feito o trânsito por carreiras diárias, note-se bem por carreiras diárias.

Porque não hão de ser todas alcatroadas e só a de Pombal? De Figueiró até a Castanheira, sobre tôdas, não é razoável semelhante falta.

Castanheira de Pera com a sua vida industrial de lanifícios, cujo movimento é permanente e intenso com todo o País, não é razoável que lhe não proporcionem, ao menos, uma boa estrada. Ela que está a-cêrca de 60 quilómetros do caminho de ferro por este lado de Figueiró. Alcatroem-lhe a estrada, tanto mais fácil que são apenas 18 quilómetros. Como há sítios em que é mau o seu estado de conservação os industriais são forçados a recorrer à estrada da Louzã, por onde é mais longe.

Entre Figueiró e Pedrógão Grande o caso é pior, porque é detestável o estado do caminho que liga as duas vilas. Que falem os que lá passam uma vez que seja. Todavia há uma carreira diária de Pedrógão a Lisboa por onde transitam centenas de passageiros dum região directa de caminhos de ferro. Leiria, que não se cansa de afirmar que tem grande amor pelos seus concelhos da Serra, deve olhar pelos benefícios necessários de tais concelhos, tornando-se assim credora de merecedora estima. E' bem que não haja razão para que se diga «longe da vista, longe do coração»

João de Cima

Por causa dum bailarico morre um indivíduo e vai outro parar à cadeia

No lugar dos Moínhos Fundeiros, deste concelho, na noite do dia 18 do corrente Abílio Lopes Silveira, negociante ambulante e seu primo Abílio Lopes, trabalhador rural travaram-se de razões num bailarico, tendo o primeiro rasgado o casaco ao segundo.

Em consequência do conflito, terminou o baile.

Cá fora houve mais troca de palavras, atitudes agressivas, até que o Abílio Lopes dá uma bofetada no primo. Este e o pai vão contra o outro.

O Abílio Lopes vendo as coisas mal paradas, foge para casa, mas os outros perseguem-no, indo o pai do Silveiro com uma cavaca na mão para lhe bater.

Quando o Abílio Lopes entra no seu pátio, no momento em que fecha a porta, atira com a tranca desta contra o primo e de tal forma o atinge na cabeça que caiu por terra. Levanta-se, manda buscar água para lavar o ferimento e de seguida foi para casa deitar-se. Pouco tempo depois o Abílio Lopes Silveiro, encontrava-se mal disposto e não falava. Mandou imediatamente chamar o médico mas passado pouco tempo outro portador partira, a fim de comunicar que o médico já não era preciso, o homem tinha falecido.

Participado o caso às autoridades, o Abílio Lopes imediatamente se entrega à prisão.

Duas fatalidades: por causa dum bailarico e dos copos, Dois primos travam-se de razões, sem importância, indo um para o cemitério e o outro para a cadeia.

E' caso para dizer que o Abílio Lopes Silveiro, tinha sina de morrer desta forma, pois ainda há pouco tempo, no verão passado, recebeu um coice da sua muar, que lhe provocou a rotura dos intestinos.

Esteve entre a vida e a morte, salvando-se quasi por milagre.

Passados poucos meses, acaba tão tristemente.

Este caso, que lamentamos profundamente, impressionou tôda a povoação e tanto mais que a vítima era geralmente estimada.

O agressor, que não é má pessoa, estava para casar no dia 10.

Com a brincadeira, arranjou um belo casamento.

A autopsia foi feita no dia seguinte nesta vila e o cadáver foi para o cemitério da Aguda, sede da sua freguesia.

Dr. Simões Barreiros

A fim de assistir à abertura da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa, de que faz parte, segue amanhã para a capital, o sr. dr. Manuel Simões Barreiros, illustre presidente da nossa Câmara nosso estimado Director.

Infanta D. Filipa Maria de Bragança

Visitou Leiria e Coimbra, na presente semana a Senhora Infanta D. Filipa Maria de Bragança, que a convite do nosso Governo, veio visitar a Exposição do Mundo Português.

Dr. Joaquim Simões Pereira

Acaba de tirar o brevet de aviador civil, na escola de Aviação do Professor dr. Bissau Barreto em Coimbra, o sr. dr. Joaquim Simões Pereira, nosso illustre amigo e professor em Coimbra do curso secundário, a quem apresentamos as nossas felicitações.

O Recenseamento da população

Vai effectuar-se no continente e ilhas, em Dezembro próximo, o 8.º recenseamento da população.

De harmonia com a resolução tomada no Congresso Internacional de Estatística reunido em S. Petersburgo, em 1872, estes inquéritas effectuam-se decenalmente e nos anos que terminam em zero.

Coincide este com o ano solene das nossas Comemorações Centenárias e isto é motivo mais para que por parte de todos os portugueses haja o maior escrúpulo em dar para êle todos os elementos que permitam alcançar-se o sumário perfeito da situação populacional do nosso país e coligirem-se dados numéricos sobre os aspectos essenciais da vida nacional.

A perfeição e verdade das estatísticas não depende apenas da organização técnica dos respectivos serviços, que hoje se sabe serem modelares no nosso país. E' indispensável, que as pessoas a quem cabe preencher os boletins que hão de ser distribuídos no momento oportuno adquiram a consciência de que respondendo com verdade aos questionários, cumpram um dever cívico e patriótico do mais alto valor.

E' vulgar a relutância de prestar ao Estado e aos seus agentes tôda a espécie de informações, por supor-se infundadamente que visam a agravamentos tributários. A verdade é que sem haver conhecimento dos índices numéricos de natureza demográfica não pode haver solução conscienciosa das problemas essenciais da vida da população.

Chuva e mau tempo

Nestas duas últimas semanas tem caído muita água, tendo engrossado os riachos e os rios.

Dias e noites houve em que o temporal foi assustador, tendo deitado por terra muitas árvores.

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS 1.ª publicação

Faz-se saber que no dia 19 de Dezembro próximo, pelas doze horas à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai à primeira praça, para ser arrematado, por qualquer preço, além do abaixo indicado, o imóvel a seguir descrito, penhorado nos autos de execução fiscal administrativa, em que são exequentes José Simões Baião, da Jarda, e Jacinto Henriques de Arega, subrogados nos direitos da Fazenda Nacional, e executados o doutor Avelino Simões Baião e mulher, do lugar de Arega referido, desta comarca:

PRENDIO

Terreno com rocha, mato e pinheiros, e oliveiras, sito ao Ribeiro do Vale do Prado, freguesia de Arega a confrontarem do nascente com herdeiros de Francisco Martins do Vale do Prado, poente com Clotilde Candida de Sousa Manso, norte com o ribeiro e sul com Francisco Lopes, do Brunhal e com o viso. Descrito na Conservatória sob o número 29. 726, do livro B. 75, e é na matriz os artigos 4.893, 8.644 e 8.645. Vai à praça no valor de 2.860\$00

Figueiró dos Vinhos; 15 de Novembro de 1940

O Chefe da 2.ª Secção Joaquim José da Conceição Júnior Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito Themudo Machado Jornal «A Regeneração» n.º 520 de 23 de Novembro de 1940

Anúncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

(2.ª publicação)

Faz-se saber que no dia cinco de Dezembro, próximo futuro, pelas doze horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca de Figueiro dos Vinhos, vão à primeira praça, para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado, os prédios abaixo descritos e penhorados nos autos de execução hipotecária em que são exequente Manuel Lopes Quintas, casado proprietário, residente em Lomba da Casa e executados Bernardina Rosa Caetano, marido e outros, do Cercal.

PREDIOS A PRAPEAR

Metade de uma terra de sementeira de rega sita à Cova, limite do Cercal, parte do nascente com a ribeira, poente com o caminho, norte com Francisco Caetano Júnior e sul com Clementino dos Santos, inscrito na matriz sob os artigos 10.449 e 10.450, e vai à praça com o valor matricial de 316\$80

Um talho de terra de sementeira de rega na Cova, mesmo limite, parte do nascente com a barroca poente e sul com Joaquim Domingos e norte com Francisco da Silva, inscrito na matriz sob o artigo 10.442 e vai à praça no valor de 4\$40

Um talho de terra de sementeira de rega e seca, no mesmo sítio e limite a partir do nascente com Bernardina Maria poente com a parede, norte com a barroca e sul com herdeiros de Manuel Matias Jorge, inscrito na matriz sob o artigo 10.440 e vai à praça no valor de 651\$20

Um talho de terra com oliveiras no mesmo sítio e limite a partir do nascente com Albino Saraiva, poente com Bernardina Maria, norte com herdeiros de Domingos Saraiva e sul com herdeiros de António Jorge Carreira, inscrito na matriz sob o artigo 10.510 e vai à praça no valor de 259\$60

Um talho de terra com oliveiras, no Cercal partindo do nascente com a parede, poente com o caminho, norte com Manuel Matias Jorge e sul com Manuel António, inscrito na matriz sob o artigo 9.903, com o valor de 74\$80

Um talho de terra com oliveiras no Cercal, partindo do nascente com Josefa Domingos, poente, norte e sul com o caminho, inscrito na matriz sob o artigo 9.929 e vai à praça no valor de 365\$20

Uma morada de casas terreas com pateo e quintal no Cercal, a partir do nascente e poente com a estrada, norte com Manuel Simões Rosinha e sul com herdeiros de Manuel Domingos, inscrito na matriz sob o artigo 465 e vai à praça no valor de 340\$00

Uma terra com oliveiras à Vinha, limite do Cercal, a partir do nascente com Manuel da Silva, poente com herdeiros de José Saraiva, norte com herdeiros de Manuel Saraiva e sul com Augusto Dias, inscrito na matriz sob o artigo 10.065 e vai à praça no valor de 101\$20

Uma terra com oliveiras às Botelhas, limite da Lomba da Casa, parte do nascente com Manuel Simões Rosinha, poente com herdeiros de Manuel Caetano, norte com herdeiros de Manuel da Silva e sul com a parede, inscrito na matriz sob o artigo 10.222, e vai à praça no valor de 110\$00

Uma terra de sementeira e mato na Lomba da Casa parte do nascente com as fragas, poente, norte e sul com a estrada, ins-

AUTO-INDUSTRIAL, L. DA COIMBRA

4 Garagens de Recolha-3 Estações de Serviço-Lavagem-Lubrificação Especializada
SERVIÇO PERMANENTE
Avenida Navarro, 36-SEDE Avenida Navarro, 45-Garagem Luzitana
Avenida Sá da Bandeira, 104 - Garagem Santa Cruz
Nová Garagem da Avenida Fernão de Magalhães

Com grandes oficinas de reparações mecânicas. Electricidade-Pintura-Seleiro-Estofador-Bate-chapas Banca de provas para afinação e reparação de motores a óleos pesados. Aparelhos de grande precisão para análise científica de todos os órgãos eléctricos dos motores.

Aparelho hidráulico para desempenho rápido de carroçarias.

Rectificador de cambótas - Aparelhagem para rectificar e encamisar cilindros. Execução rápida e perfeita.

Pronto-Socorro privativo das oficinas

Todos os acessórios para o automobilismo. Distribuidores exclusivos em Portugal das peças legítimas **CHEVROLET** da General Motors Company - Grande stock de peças - Opel-Blitz-Bedford - Oldsmobile - Vauxhall e G. M. C.

Depositários dos pneus Dunlop e Michelin

Telefones - 58 - 614 - 941 - P. B. X.

Estações de serviço autorizadas, do Automóvel Club de Portugal

6-2

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

1.ª publicação

Faz-se saber que por este Juízo, e sua segunda secção, correm éditos de vinte dias contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio no jornal competente desta comarca, citando quaisquer credores incertos, para no prazo de dez dias findos que sejam os vinte dos éditos, virem à execução por custas e selos que o digno Agente do Ministério Público nesta comarca move a António Nunes da Conceição ou António da Conceição Nunes, solteiro, do lugar do Campelinho, freguesia de Campelo, e actualmente preso nas cadeias de Lisboa, deduzir os seus direitos como determinam os artigos 864.º e 865.º do Código do Processo Civil.

Secretaria Judicial da comarca de Figueiro dos Vinhos, 14 de Novembro de 1940.
 O chefe da segunda Secção
Joaquim José da Conceição Júnior
 Verifiquei a exactidão
 O Juiz de direito
Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» n.º 520 de 23 de Novembro de 1940

crito na matriz sob o artigo 12.016, vai à praça no valor de 396\$00

Terra de sementeira de seca às Lameiras, parte do nascente com a parede, poente com a estrada, norte com Rosa Maria e sul com António Curado, inscrito na matriz sob o artigo 9.609 e vai à praça no valor de 585\$00

Uma tojeira ao Carvalhal, parte do nascente, poente e sul com as fragas e norte com herdeiros de Manuel Domingos, inscrito na matriz sob o artigo 15.444 e vai à praça no valor matricial de 39\$60

Um talho de terra de sementeira de rega à Cova, parte do nascente com a barroca, poente com Joaquim Domingos, norte com herdeiros de Manuel Matias Jorge e sul com Francisco da Silva, inscrito na matriz sob o artigo 10.445, vai à praça no valor de 325\$60

Todos estes prédios estão descritos na Conservatória do Registo Predial no livro B-72 respectivamente sob números 28.409, 28.410, 28.411, 28.412, 28.413, 28.414, 28.415, 28.416, 28.417, 28.418, 28.420, 28.421 e 28.422. Figueiro dos Vinhos, sete de Novembro de 1940.
 O chefe da 1.ª Secção
Jaime Ribeiro Sucena
 Verifiquei a exactidão.
 O Juiz de direito
Themudo Machado
 Jornal «A Regeneração» n.º 520 de 23 de Novembro de 1940

Anúncio

Comarca de Figueiro dos Vinhos

Editos de 30 dias

2.ª publicação

Faz-se saber que correm éditos de trinta dias, citando o requerido Victor António Pinto, casado, residente em Aljustrel, comarca de Beja, com o seu último domicílio na Figueira, para no prazo de cinco dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, contestar, querendo, o pedido de assistência judiciária requerido por sua mulher Maria da Encarnação, da freguesia, a fim de contra aquele seu marido requerer a competente acção de divórcio litigioso. Figueiro dos Vinhos, 25 de Outubro de 1940.

O Secretário

Jaime Ribeiro Sucena

Verifiquei a exactidão
O Presidente da Comissão de Assistência Judiciária.

Lacerda e Costa

Jornal «A Regeneração» n.º 520 de 23 de Novembro de 1940

Anúncio

Comarca de Figueiro dos Vinhos

2.ª Publicação

Faz-se saber que no dia 5 de Dezembro próximo, pelas doze horas à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai à primeira praça para serem arrematados por qualquer preço além do abaixo indicado, o direito e acção a seguir discriminado, penhorado nos autos de execução por custas e selos, que o digno Agente do Ministério Público nesta comarca move a Plácido das Dores e marido Manuel Henriques da Costa, actualmente residentes na Quinta das Pontes-Espinhais - a saber:

O direito e acção a um nono que os executados tem nos dois prédios seguintes

1.º - Uma terra de sementeira com uma barraca terrea, sita no lugar do Caramoleiro, desta freguesia, confinando do nascente, poente, norte e sul com Manuel Pimenta da Silva. Descrita na Conservatória sob o n.º 30.021 e inscrita na matriz sob o artigo 1.371.

2.º - Uma terra de sementeira de rega sita no mesmo lugar do Caramoleiro, partindo do nascente e sul com Manuel Pimenta da Silva, poente e norte com herdeiros de António Bispo. Descrita na

ANUNCIO

1.ª Publicação

O Doutor José Bebiano Correia Henriques da Silva, Juiz do Julgado Municipal de Alvaiázere.

Faço saber que no próximo dia 15 do próximo mês de Dezembro, pelas doze horas no Tribunal Judicial deste Julgado e no Processo de Execução por custas selos, que o Digno Agente do Ministério Público neste Julgado move contra João Simões também conhecido por João Simões Júnior ou João Simões Branco, casado, proprietário morador nos Casais freguesia de Maças de Dona Maria deste Julgado Municipal, não de ser postos pela primeira vez em praça para serem arrematados pelos maiores lances oferecidos superiores aos preços que adiante se indicam os seguintes prédios pertencentes ao referido executado, a saber:

Prédios a arrematar

Primeiro - Uma terra de sementeira e casa de oficina de lavoura e oliveiras, no sítio do Vale Paio, freguesia de Maças de Dona Maria, que parte do norte com António Lopes Godinho, nascente com a estrada, poente com dito António Lopes Godinho e sul com João Dias e outros. Vai à praça no valor de mil setecentos e desasseis escudos.

Segundo - Uma terra de sementeira mato e castanheiros, oliveiras e carvalhos, sobreiros, vinha e pinhal no Vale de Paio, freguesia de Maças de Dona Maria, que parte do norte com Tiburcio Ferreira, nascente com Augusto Simões, poente com a estrada e sul com João Dias. Vai à praça no valor de dois mil cento e doze escudos.

Alvaiázere, 31 de Outubro de 1940

O Chefe de Secção

António Simões Ferreira Pena
 Verifiquei - O Juiz Municipal
José Bebiano Correia Henriques da Silva
 O jornal «A Regeneração» n.º 520 de 23 de Novembro de 1940

ANUNCIO

Comarca de Figueiro dos Vinhos

1.ª Publicação

Faz-se saber que por este Juízo e sua segunda secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio no jornal desta vila, citando quaisquer credores desconhecidos para no prazo de dez dias, findo o dos éditos virem à execução por multa e imposto de Justiça que o Digno Agente do Ministério Público move contra Ramiro da Costa David, divorciado, residente no Vale das Golpas, desta comarca, deduzir os seus direitos, como determinam os artigos oitocentos e sessenta quatro e oitocentos e sessenta cinco do Código do Processo Civil. Figueiro dos Vinhos 21 Novembro de 1940

O Chefe da 2.ª Secção

Joaquim José da Conceição Júnior
 Verifiquei a exactidão.
 O Juiz de Direito - *Themudo Machado*
 Jornal «A Regeneração» n.º 520 de 23 de Novembro de 1940

Conservatória sob o n.º 30.022 e inscrita na matriz sob o artigo 1.726.

Vai este direito e acção à praça no valor de 58\$66
 Secretaria Judicial de Figueiro dos Vinhos, 4 de Novembro de 1940.

O chefe da 2.ª Secção

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

(1.ª Publicação)

Faz-se saber que no dia 19 de Dezembro próximo, pelas doze horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai à primeira praça para ser arrematado por qualquer preço oferecido, além do abaixo indicado, o imóvel a seguir discriminado, penhorado nos autos de execução fiscal administrativa, em que é exequente a Fazenda Nacional e executado o doutor Avelino Simões Baião, residente no lugar e freguesia de Arega, desta comarca.

PREDIO

Terreno com carvalhos, pinheiros e oliveiras no sítio da Horta do Cura, limite e freguesia de Arega, a confrontar do nascente e norte com a estrada, poente e sul com João Manso de Oliveira Moraes. Está descrita na Conservatória sob o n.º 5.069, do livro F. 7.º, e é na matriz o artigo 5.794. Vai à praça no valor de 88\$00

Secretaria Judicial de Figueiro dos Vinhos, aos 15 de Novembro de 1940.

O Chefe da 2.ª Secção
Joaquim José da Conceição Júnior
 Verifiquei a exactidão
 O Juiz de direito
Themudo Machado
 Jornal «A Regeneração» n.º 520 de 23 de Novembro de 1940

ANUNCIO
 COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

1.ª Publicação

Faz-se saber que no próximo dia dez nove de Dezembro, pelas doze horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca de Figueiro dos Vinhos, vai à primeira praça para ser arrematado por qualquer preço oferecido além do indicado o prédio abaixo descrito e penhorado nos autos de execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional move ao doutor Avelino Simões Baião, residente em Lisboa.

Prédio a praepar

Terreno com oliveiras, mato e pinheiros, no Porto Curral, também denominado Curral Novo, limite do Val do Prado, a confrontar do nascente com António Martins Mano (herdeiros) poente com Manuel Martins, norte com o viso e sul com a estrada pública, descrito na matriz sob o artigo 4.933 e descrito na Conservatória sob o n.º 29.728, vai à praça no valor de três mil e noventa e seis escudos.

Pelo presente são citados quaisquer credores desconhecidos.

Figueiro dos Vinhos, quinze de Novembro de 1940.

O Chefe da 1.ª Secção
Jaime Ribeiro Sucena
 Verifiquei a exactidão
 O Juiz de Direito
Themudo Machado
 Jornal «A Regeneração» n.º 520 de 23 de Novembro de 1940

Joaquim José da Conceição Júnior
 Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito
Themudo Machado
 Jornal «A Regeneração» n.º 520 de 23 de Novembro de 1940

Pequenas notas

Egoísmo

Uma senhora, proprietária de vastos campos, ausente durante todo o ano, chega à terra para receber as rendas dos caseiros que trabalham os seus campos.

Um caseiro deve-lhe a renda do ano passado e a senhora que se diz bondosa e conhecedora dos seus deveres, ordena ao caseiro que lhe entregue «todo» o milho deste ano; o excedente da renda amortizará a dívida.

A mesma «senhora» expõe as razões por que os lavradores têm mais dificuldade em pagar as rendas do que antes da guerra de 14:

— Tudo se modificou. As moças até compram meias de seda para levar à missa ao domingo. E estão uns lambareiros!... Já não passam sem o «gole» (um pouco de café no fundo da tijela, bebida muito usada nas regiões frias do Minho).

Desalento

Quantas vezes o desalento invade aqueles que se empenham em obras de difícil execução!

Nestes momentos julgam-se incapazes de contribuir eficazmente para a realização da tarefa que parece superior às suas forças. Esquecem que a sua acção se vai juntar a muitas outras e que a resultante destes esforços frutificará.

Espíritos nada críticos

Ouvi censurar asperamente um homem desempregado que maltrata a família, como se deste procedimento fosse ele o único responsável. Quem o classificou de homem da «pior espécie» esqueceu que não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência!

Crises aparentemente incompreensíveis

As atitudes de muitos dirigentes de povos apresentam-se tão contraditórios que é difícil descobrir o objectivo que têm em vista.

Isto provoca em muitas pessoas o «desabafo» de quem deseja pôr o cérebro em descanso: «Já não percebo nada!»

Se desejarem realmente perceber, não o conseguirão com as notícias das agências, mas analisando os factos objectivamente, com corajosa serenidade.

Raul Barros

CEIFA

O dia estava abafado e quente. Logo de manhã o Sol rasgara a gleba, penetrara nas carnes e pelos regatos, quasi estagnados, roçara num abandono de goso.

E os homens e as mulheres lá foram, um a um, serpenteando através dos campos, foices nas mãos, cansaço nos rostos, caminho da ceifa.

As espigas muito direitas e doiradas—muito doiradas e direitas—desafiavam o trabalho.

E o trabalho começou. Corpos curvados, homens e mulheres, lado a lado, a trabalhar.

As faces tornam-se mais duras. O suor começou a escorrer pelos corpos, castigados pelo sol que tudo envolvia.

As espigas iam tombando pouco a pouco, fazendo nascer uma nuvem de pó que se estendia pelo campo.

Uma mulher ergueu a voz num cantar:

«Pobre vida a do ceifeiro
A trabalhar sem descanso»

Calou-se a meio da cantiga. Começou a tossir. O pó entrara-lhe pela garganta e lágrimas afloraram aos olhos.

A sede começou a apouquentar e o caneco de barro cheio de água, rolou a correr de mão em mão. Uns bebiam, outros molhavam a cara. Todos sentiam calor.

Ainda há pouco o trabalho começou e já estavam cansados.

Meio dia. Parou o trabalho. As mãos doridas deixaram de ceifar e caíram ao longo dos corpos.

Caminho do palheiro lá vêm eles, — homens e mulheres—curvados, olhando a terra.

Logo de tarde é a mesma coisa. Amanhã e depois, sempre o mesmo trabalho.

E em todos os campos e em todas as ceifas há sempre uma mulher que canta:

«Pobre vida a do ceifeiro
A trabalhar sem descanso»

E nunca termina a cantiga.

Miguel Pereira

O mesmo gesto...

*Ainda não reparaste, camarada,
como todo o trabalho
nos obriga a curvar a fronte
para êle?*

*O cavador
curva-se para a terra que vai cavando;
o pedreiro para a pedra
que aperfeiçoa*

e anima com o pico

ou o cinzel;

o serralheiro

sobre a bigorna sonora

onde martela;

o sábio sobre as suas retortas

e o seu eterno microscópio;

o artista

sobre os seus mármorees

e as suas telas

o poeta

sobre o papel onde escreve os seus poemas!...

*— Já reparaste, camarada
como êste gesto igual nos torna irmãos?!*

Caminhada...

*Venho de longe de ti
e vivo
perdido no teu seio,
multidão!*

*Andava
eternamente distraído e debruçado na varanda
de mim mesmo,
a olhar
e a escutar
apenas a minha dor inconsolada...*

*E nunca pude ouvir,
nem ver,
perfeitamente,
nunca pude sentir a tua imensa dor,
oh! Multidão!*

*Hoje,
peguei nas minhas dores
e lancei-as para o meio de ti;
para que, ao procurá-las
eu tenha
que encontrar as tuas dores
e já não saiba
quais são a tuas e as minhas!...*

Jullão Ricardo

Partida

Sozinho. Agora estava sozinho. Tão cedo não veria cara conhecida. Talvez nunca mais visse a família. O pai, com a sua máscara dura: «Não vais ao cinema... Não somos ricos», e a mãe a dar-lhe o dinheiro às escondidas... Dava tudo para os tornar a vêr. Mas era impossível.

A realidade estava ali na sua frente, fria e triste. O bêliche da «terceira», a lata de bolachas que a mãe lhe dera, as lágrimas teimosas que lhe desceram pelo rosto como punhos, quando o barco apitou na partida e que ele julgou nunca ser capaz de verter...

Os lençóis a acenar de terra... Nunca mais se esquecerá. Tinha aquilo nos olhos... Até o pai dissera adeus com aquêl lenço branco muito grande que usava. Também fora êle que resolvera a partida: «Que o rapaz cá nunca arranjava nada, que era melhor ir...». Talvez tivesse remorsos. Mas não. Se aquilo era para bem dêle... A culpa era da vida.

Aquele bêliche era de abafar. E quem viria para companheiro de viagem? Talvez outro tipo queimado que também ia procurar emprêgo noutras terras.

Dos livros

Coéforas, tragédia de *Esquilo*, Cadernos Culturais «Inquérito» — Lisboa, 1940.

Esquemas geográficos para o curso dos Liceus e Escolas Técnicas, edição da «Casa Portuguesa» de José Nunes dos Santos & C.ª (F.ª) L.da — Lisboa, 1940.

Na tragédia *Coéforas* — que pertence à trilogia de *Orestes* ou *Oréstia* — todos os sentimentos são grandiosos, mas o que predomina é o da vingança — vingança tanto mais cega e violenta porque é ordenada pelos deuses.

Por cima da justiça e da vingança do homem, paira nela o determinismo religioso dos gregos. As forças que levam *Orestes*, para vingar a morte do pai, Agamémnon, a imolar a própria mãe, *Clitemnestra*, sendo fatais, não deixam de ser humanas. Mais: são forças humanas levadas à expressão mais elevada de representação emocional. O destino que as condiciona de forma alguma as irresponsabiliza. Para *Orestes*, o destino está delineado de um modo inflexível, mas a submissão é obtida à custa de ameaças; e é com plena consciência que mata *Clitemnestra* e *Egisto*.

«ORESTES» — O oráculo do poderoso *Apolo* não me trairá. Ele ordena-me que empreenda tudo e a sua voz ecoou no íntimo do meu coração. Anuncia-me horribéis desgraças se não persigo os assassinos de meu pai; quere que os fira como êles o feriram. As suas insistentes ameaças ainda me arripiam. Se não obedeco, males sem conto vingarão em mim uma sombra que me deve ser querida. Aquele que ensina os mortais a acalmarem os munes irritados disse-me que uma cruel moléstia, invadindo as minhas carnes, a lepra, havia de corroer o princípio da minha vida com os seus dentes afiados; que os meus cabelos branqueariam antes de tempo... Um conjunto de motivos me impelle a ordem do céu, a morte deplorable dum pai, a miséria que me oprime, finalmente a vergonha de ver submetidos a duas mulheres os corajosos e célebres cidadãos que destruíram *Ilio*; porque *Egisto* tem o coração duma mulher.

Também, sob a forma dum sonho, o destino aparece a *Clitemnestra*:

«O CORO — Ela sonhou, disse nos, ter dado à luz uma serpente. ORESTES — E como acabou essa visão?»

O CORO — O monstro recém-nascido, como uma criança de cueiros, aproximou-se à procura de alimento; e, no sonho, ela deu-lhe o seio.

ORESTES — Essa odiosa serpente feriu-o; sem dúvida...

O CORO — Ela sugou, a longos goles, o sangue com o leite.

ORESTES — Ah! Esse sonho realizar-se-á!

A tradução, bem como uma *Notícia sobre a tragédia grega* e uma *Notícia acerca de Esquilo* são da autoria de Lobo Vilela.

Os *Esquemas geográficos para o curso dos liceus e escolas técnicas* «visam a facilitar e a tornar mais profícuo o ensino e o estudo da geografia física, da vida e humana, nos seus variados ramos.» São esquemas de mapas em que o aluno deve indicar, quer escrevendo-os quer diferenciando-os pelo uso de cores ou convenções diferentes, adaptáveis a cada caso, rios, montanhas, países, produções, etc. Estamos certos de que serão de grande utilidade para o fim a que se destinam.

J. T.

Aos Editores

Faremos referência crítica a todos os livros de que nos for enviado directamente um exemplar, independentemente das ofertas pessoais.

Toda a correspondência referente a êste *Boletim* deve ser remetida para:

João Tendeiro — Figueiró dos Vinhos

Na amurada ninguém. Chupou duas fumaças e encostou-se a olhar o mar. Já não se via terra. Mar e céu. E o barco a cortar a espuma verde.

Da «segunda» vinha o ruído da música. Apurou o ouvido. Era um «slow». O mesmo que ouvia quando vinha de «falar» com ela.

A «rádio» gemia:
«Good night, my love
The moments with you
now are ending...»

Era mesmo aquilo a vida dêle. Ela não viera ao cais «porque não era bonito», mas devia ter sofrido muito.

Tinha de voltar. Não ia sozinho. Dentro dêle viveriam sempre as momentos que passaram juntos. Ela era o primeiro passo para uma vida melhor. Um estardarte obscuro infundindo coragem...

Mas aquela música parecia negar-lhe tudo. A confiança que se vai, o último adeus inconsciente e trágico.

«Good night, my love»

Sobre o mar caía a noite. E aquela noite parecia murmurar-lhe tão baixo como as ondas que se quebravam docemente contra o casco do barco:

— Não voltarás, não voltarás.

Saúl Fernandes